



# Territorializando o Índico. Imaginários transnacionais e Literatura-Mundial em João Paulo Borges Coelho\*

Gabriela Beduschi Zanfêlice

Orientadora: Elena Brugioni

Pesquisa de Iniciação Científica FAPESP (n.º 2018/20953-6)

## I Introdução

Quando se trata do estudo das *Literaturas Africanas*,<sup>1</sup> com frequência nos deparamos com análises que se propõem a sistematizá-las a partir de duas conceitualizações muito específicas, calcadas, majoritariamente, em cartografias territoriais ou em definições linguísticas.<sup>2</sup> A primeira representa o paradigma espacial, pautado por uma definição político-territorial de matriz nacional ou regional, como Literatura Moçambicana, Literatura Sul-Africana, Literaturas Subsaarianas, entre outras. A segunda aponta para um paradigma linguístico que se traduz em definições como Literaturas Lusófonas, Francófonas, Anglófonas. Trata-se, aqui, de dois casos sintomáticos: o primeiro por valorizar determinadas literaturas apenas pelo seu grau de ruptura com a condição colonial, projetando uma sobreposição entre a nação política e a sua dimensão literária; e o segundo por pressupor uma harmonia – literária e identitária – decorrente da língua e apontando para cartografias que, por um lado, desconsideram as diversas outras línguas existentes no continente e, por outro, projetam uma visão colonial insistindo num *continuum* entre ex-metrópole e ex-colônia. Deste modo, atesta-se o desenvolvimento de um campo de estudos pautado pela restrição de uma grande variedade de textos a homogeneizações superficiais, cujas conceitualizações problemáticas mobilizam cartografias críticas fundamentalmente insuficientes para uma compreensão significativa das literaturas que se propõem a analisar.

Na contramão destes quadros teóricos, esta pesquisa buscou traçar uma operacionalização do Oceano Índico como um paradigma crítico alternativo,<sup>3</sup> tanto para o estudo das *Literaturas Africanas* através da análise das coletâneas de contos *Índicos Índícios: Setentrião* (2005a) e *Índicos Índícios: Meridião* (2005b) do autor moçambicano João Paulo Borges Coelho, quanto para o próprio campo das Literaturas Comparadas. Assim, convocando alguns dos tópicos e debates críticos desenvolvidos no âmbito da Teoria Pós-Colonial e, mais recentemente, da World-Literature, encaramos o Oceano Índico como uma cartografia literária cuja operacionalização desafia abordagens tradicionalmente pautadas por parâmetros nacionais e/ou linguísticos, e logo capaz de fornecer ferramentas e metodologias inovadoras com as quais ler e problematizar as *Literaturas Africanas* em uma perspectiva comparada.

Noa (2014) observa que muitos pesquisadores que se propuseram a analisar as *Literaturas Africanas* destacaram uma preocupação mais ou menos assumida, por parte destas, em delimitar um território cultural e identitário, constituindo um quadro onde a dimensão telúrica quase sempre prevaleceu e representando uma espécie de *armadilha histórica*<sup>4</sup> – instaurada pela própria natureza do sistema colonial – onde as vozes contestadoras e reivindicativas pertenciam, majoritariamente, àqueles formados pelos valores do colonizador e por seus métodos de escolarização, religião, língua e literatura. Disto surgem ambiguidades, contradições e uma série de questões não solucionadas

\* Este texto constitui uma continuação do projeto apresentado no XXVII Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP.

<sup>1</sup> Adoto, em acordo com Brugioni (2014), grafia italicizada para o termo, uma vez que a utilização genérica de *Literaturas Africanas* para enquadrar, sob uma única definição, um conjunto extremamente diverso de literaturas (que podem inclusive ir além das fronteiras do continente africano) apresenta limites críticos e operacionais.

<sup>2</sup> Uma discussão aprofundada sobre o tema se encontra desenvolvida em Brugioni (2013).

<sup>3</sup> Para uma leitura exaustiva sobre o Índico, ver Ghosh e Muecke (2007); Alpers (2013); Moorthy e Jamal (2010); Noa (2014); Hofmeyr (2007), (2012); Brugioni (2013), (2013b), (2014), (2017a) e (2017b).

<sup>4</sup> “La nature même du système colonial a [...] mis en place une sorte de piège historique” (NOA, 2014, p.73).

que se expressam essencialmente através da literatura, esta “scène privilégiée qui répercute le besoin de configuration identitaire qui est en jeu dans le rapport au territoire et dans l’affirmation d’appartenance à un lieu” (NOA, 2014, p.73). Interessa-nos, aqui, a potencial solução para esta encruzilhada, representada pelo deslocamento de um enfoque territorial do continente em direção ao mar – e que se faz presente de maneira notável no caso da literatura moçambicana em relação com o Oceano Índico, uma vez que nela o mar se torna sujeito, motivo ou fator estruturante da escrita poética e literária.<sup>5</sup>

Ressaltando o fato de que poucos críticos se interessem pelo tema do mar em conexão com uma reflexão identitária ou enquanto um quadro territorial, Noa observa que esta indiferença possa ser consequência de uma focalização prioritária sobre o eixo Norte/Sul (ou Ocidente/África) e que, no caso específico de Moçambique, assim como em outros países da costa oriental e austral da África, subestimar a importância do Oceano Índico e de suas dinâmicas milenares de trocas comerciais e culturais com o Oriente Médio e com a Ásia significa, necessariamente, obliterar elementos fundamentais para a compreensão da arquitetura dos imaginários e das configurações identitárias locais, nacionais e regionais. Compartilhamos da visão do autor quando afirma que, assim como observaram diversos estudiosos, “l’océan Indien peut en effet apparaître comme un nouveau paradigme transnational en ce qui concerne les relations culturelles au sein de ce qu’on appelle aujourd’hui le « Sud global »” (NOA, 2014, p.74). Ainda que o autor se refira à escrita poética moçambicana, pode-se afirmar que o quadro é igualmente válido para a prosa contemporânea. Como demonstrado na pesquisa, o enquadramento da produção moçambicana em um viés transnacional representado pelo Oceano Índico – em detrimento do nacional ou linguístico –, caracteriza uma análise cultural e sócio-política extremamente emblemática do contexto moçambicano (BRUGIONI, 2017b) e especialmente nítida nos *Índicos Indícios* (2005), que inscrevem uma série de imaginários construídos a partir de fronteiras líquidas, se distanciando de um fechamento baseado em moldes de um estado-nação.

Encarando, portanto, o Oceano Índico como uma categoria de análise tão válida quanto o Atlântico e como um quadro territorial no qual surgem reflexões identitárias tão passíveis de serem investigadas quanto as de um país ou de uma cidade (PEARSON, 2002), admitimos a necessidade de analisar as maneiras pelas quais o mar se torna sujeito ou *fator estruturante* das narrativas de *Índicos Indícios*, buscando uma compreensão aprofundada sobre as implicações representadas por este deslocamento territorial para a leitura de textos e autores moçambicanos, bem como das configurações identitárias locais, nacionais e regionais que deles emergem. Buscou-se, com isto, um distanciamento teórico da focalização sobre o eixo Norte-Sul/Ocidente-África apontada por Noa, contribuindo assim para um desenvolvimento dos *universalismos do sul* (HOFMEYER, 2007), dos *modernismos periféricos* (WREC, 2020) e, conseqüentemente, para uma análise do universal que demonstre ser *verdadeiramente universal* (MBEMBE; SARR, 2017). Nesta perspectiva, os Estudos do Oceano Índico (IOS - *Indian Ocean Studies*) trazem à tona uma série de questionamentos que possibilitam reflexões aprofundadas sobre as relações entre *nação, território e identidade* por um lado e entre *narrativas, representações e imaginários* por outro, representando um manancial teórico extremamente profícuo, cujas implicações se encontram ainda pouco desenvolvidas na historiografia e nos estudos literários contemporâneos feitos no Brasil – especialmente se comparado ao Atlântico. A pesquisa buscou analisar, além disso, como este enquadramento teórico demonstra ser particularmente relevante para a análise de textos, como os presentes em *Índicos Indícios* (2005), representativos da chamada “diferença cultural” (BHABHA, 2013), ou seja, de narrativas que constroem imaginários não essencialistas acerca das identidades pessoais, culturais e territoriais que representam literariamente.

Rede complexa de relações históricas e culturais, o Índico tem sido pouco estudado se levarmos em consideração as massivas produções sobre o Atlântico, especialmente no Brasil, onde o passado colonial frequentemente impulsionou uma série de reflexões a respeito da triangulação Brasil-África-Portugal. Ainda que os estudos do Atlântico tenham gerado análises cruciais para a compreensão e desmistificação de muitos aspectos das relações históricas entre os continentes Europeu, Africano e Sul-Americano, é importante perceber que esta configuração não deixa de apresentar suas limitações. A assimetria implícita no recorte territorial de seu objeto com frequência revela análises que

<sup>5</sup> “Il y a pourtant des exceptions, notamment dans le cas de la littérature mozambicaine en rapport avec l’océan Indien, lorsque la mer devient sujet, motif ou facteur structurant de l’écriture poétique” (ibid.).

consideram como equivalentes, de um lado, os países Brasil e Portugal e, de outro, todo o continente africano. Como reconhece Gwendolyn Midlo Hall, proeminente historiadora da escravidão no Atlântico, “os milhões que foram acorrentados e trazidos para as Américas precisam ser estudados de maneira mais apurada, como indivíduos e povos concretos, resgatados do anonimato que envolve o termo genérico ‘africanos’” (HALL, 2005, p.64). A referência a diferentes países europeus, tomados enquanto os únicos detentores de agência em todo o processo de colonização enquanto as diferentes localidades africanas são expressas sob a amplitude do termo África revela um grande desequilíbrio na análise das três partes deste triângulo. Atrela-se a isso o fato de que o Índico é frequentado em sua grande maioria pelos habitantes de seus litorais – ou seja, populações essencialmente não-europeias, como ressalta Brugioni (2013b) –, temos um *indício* do porquê este campo de estudos foi marginalizado nas reflexões históricas. A ausência de uma hegemonia europeia no Oceano Índico, ainda que não tenha evitado a participação ativa destes na área, é significativa para a compreensão da relativa falta de interesse em tomá-lo enquanto objeto autônomo, revelando um persistente eurocentrismo epistemológico. Como afirma Pearson (2002), embora o maior evento mundial ocorrido nos últimos milênios seja, possivelmente, a industrialização e o capitalismo, que levaram à criação de mundos ricos e mundos pobres a partir de um processo que começou na Europa ocidental, é extremamente importante evitarmos o tipo de *análise teleológica* que se utiliza do passado para ratificar o presente e que vê, essencialmente, o resto do mundo esperando passivamente ser tomado por uma Europa recém-industrializada.

No prefácio ao livro *Écrire l'Afrique-Monde*, os estudiosos Achille Mbembe e Felwine Sarr, apontando algumas das características que constituíram o desenvolvimento de diferentes campos dos Estudos Africanos ao longo do tempo, estabelecem dois movimentos históricos maiores que se destacam no século XXI. Estes, vistos aqui como cruciais para a compreensão sobre o contexto em que se inserem os estudos das *Literaturas Africanas* atualmente, dizem respeito, por um lado, ao descentramento da Europa enquanto centro do mundo (ainda que ela se mantenha como um ator *relativamente decisivo*<sup>6</sup>) e, por outro, à emergência cada vez maior da África, e do Sul de maneira geral, como um dos “teatros privilegiados” onde o futuro do planeta pode acontecer, isto é, que se encontra num momento único, propício para a reconstrução de um projeto de pensamento crítico que não se contente com lamentações ou provocações. Ao notarem a vitalidade e o desejo de renovação das formas, quadros de pensamento e propostas sobre o continente africano e suas diásporas no último decênio, os autores afirmam a necessidade da utilização de abordagens, cartografias e conceitos inovadores com os quais reler e decifrar o mundo, reinscrevendo as contemporaneidades africanas em perspectivas mais amplas, *verdadeiramente planetárias*: aspectos constitutivos, por sua vez, tanto do Índico enquanto referencial teórico, posto que representa um quadro espaço-temporal de caráter transnacional,<sup>7</sup> quanto da teoria da *Literatura-Mundial*, posto que nos permite analisar as situações concretas a partir das quais surgem estas literaturas – isto é, das relações, estruturas e transações internacionais que ocorrem ultrapassando limites nacionais – a partir de um “sistema-mundo”.<sup>8</sup> Dando especial destaque à premência da proposição de novas cartografias e da inscrição do predicado africano e diaspórico em quadros mais amplos, os autores explicitam os caminhos seguidos por esta pesquisa. Para a construção de cartografias alternativas, essenciais a uma compreensão aprofundada e ao estabelecimento de um diálogo crítico entre as Literaturas Africanas e a Literatura-Mundial, se faz primordial repensarmos antigos modos de classificações literárias, especialmente em campos emergentes tão frutíferos como os Estudos do Índico e os *World-literary Studies*.

Cabe ressaltar a pertinência da discussão levantada por WReC (2015; 2020) acerca da literatura-mundial para o desenvolvimento da pesquisa. Observando a dissolução das fronteiras nacionais, culturais e econômicas que caracterizam grande parte da vida social atual – determinada por processos cada vez mais *globais* –, os autores notam que diversos comentadores no campo dos estudos literários têm se direcionado, nos últimos anos, a sugerir que os modos concebidos de procedimentos acadêmicos da área necessitam de uma reforma radical. Em outras palavras, que os métodos institucionalizados e consolidados, os princípios e premissas estruturantes e a própria coerência do objeto disciplinar dos estudos literários estão sendo desafiados e abertos à reconsideração e à crítica. Especifica-

<sup>6</sup> No original: “même si elle en est toujours un acteur relativement décisif” (MBEMBE; SARR, 2017, p.7).

<sup>7</sup> Sobre o caráter transnacional das Literaturas do Índico, o excerto de Michael Pearson é assertivo: “To claim that littoral people have some commonality of life and society is to set them off from their own landed interiors” (PEARSON, 2002, p.6).

<sup>8</sup> Cf. Wallerstein (1980), (2004); Braudel (1976); Frank e Gills (1996).

mente no campo da Literatura Comparada, percebe-se a proliferação de iniciativas que se orientam a deixar de lado o isolacionismo representado por um enfoque nacional, buscando uma reconfiguração do campo através de perspectivas não excepcionalistas mas sim globais – considerando, ainda, uma série de questões sobre o que representa e o que significa o próprio ato comparativo, quais seus modos de produção e recepção culturais e quais as implicações e (des)igualdades delineadas a cada um dos lados da análise. É, portanto, neste contexto de proposição de novas abordagens críticas e de reorientação disciplinar que a noção de *world-literature* surge como um aspecto central para debate e pesquisa – considerada, em acordo com WReC (2015), não apenas como uma extensão da Literatura Comparada mas como a própria reconstrução deste campo após debates multiculturais e da crítica ao Eurocentrismo.<sup>9</sup> Neste sentido, analisar a obra de João Paulo Borges Coelho como Literatura-Mundial levanta questões centrais e nos fornece a possibilidade de um engajamento crítico inovador com as representações do Oceano Índico e com a própria *Literatura Moçambicana* a partir de uma perspectiva global, encarando o mar enquanto território frutífero para repensarmos os métodos da teoria literária e sua recepção crítica.

Apontando a compreensão equivocada – ou até mesmo a rejeição explícita – dos aspectos estruturais do sistema de mundo capitalista por parte de uma vasta gama de estudos literários, os autores ressaltam ainda a importância em compreender o capitalismo enquanto o próprio substrato da literatura-mundial, encarando as condições formais de possibilidade do sistema capitalista como determinantes estruturais para o surgimento destas literaturas. O *modernismo periférico*, entendido sob este ponto de vista como a estética crítica gerada pelas situações de modernidade periférica, assim como as ambiguidades decorrentes da armadilha histórica apontada por Noa, demanda uma reformulação da antiga noção de *Weltliteratur* que transcenda e supere o escopo das literaturas “nacionais”. Parafraseando os autores, partindo da premissa “that the ‘world’ is one, integrated if not of course united” (WREC, 2015, p.11), a literatura-mundial, em seus aspectos contemporâneos, impulsiona intrinsecamente em direção às questões de “commerce and commonality, linkage and connection, articulation and integration, *network and system*” (WREC, 2015, p.12, grifos meus) e pode ser definida, por fim, como aquilo que acontece com a literatura comparada quando ela *se torna global* – e após ter adotado, ainda que tardiamente, a tarefa de desconstrução do eurocentrismo.

A pesquisa buscou, por fim, pensar a modernidade e a contemporaneidade moçambicana como parte de um quadro teórico de ordem global a partir da teoria da Literatura-Mundial e da Teoria Pós-Colonial, encarando o Oceano Índico como território e cartografia crítica fundamental para a compreensão das narrativas literárias presentes em *Índicos Índicios* (2005) e, simultaneamente, como pressuposto estético e conceitual através do qual repensar os conceitos de espaço, tempo, literatura e modernidade numa perspectiva que pretende articular as especificidades dos chamados Estudos do Índico com a discussão teórica proposta pelo Warwick Research Collective (WReC) sobre Literatura-Mundial e suas tensões e potencialidades para o estudo de um autor como João Paulo Borges Coelho.

## 2 Objetivos

- Apresentar uma interseção crítica entre os Estudos do Índico e os volumes de contos *Índicos Índicios* de João Paulo Borges Coelho a partir da Teoria Pós-Colonial e da World-Literature, investigando em que medida o Oceano Índico, enquanto paradigma crítico alternativo, pode nos fornecer um quadro teórico significativo para a compreensão e enquadramento de narrativas literárias moçambicanas em perspectivas globais. Por conseguinte, discutir como os contrapontos significativos trazidos por esta abordagem representam um avanço teórico com relação a paradigmas já estabelecidos que marcam definições e abordagens críticas das *Literaturas Africanas*.
- Analisar as narrativas contidas nos *Índicos Índicios*, procurando obter uma compreensão aprofundada sobre o modo como as representações do mar são construídas, bem como sobre as estéticas mobilizadas pelo autor em sua obra;

<sup>9</sup> “[W]orld literature’ is in the first instance an extension of comparative literature – it might be understood as the remaking of comparative literature after the multicultural debates and the disciplinary critique of Eurocentrism.” (WREC, 2015, p.10).

- Contribuir para o desenvolvimento de novas abordagens para os Estudos do Índico especialmente no Brasil, onde este campo de estudos se encontra ainda marginalizado, representando uma cartografia crítica em formação (BRUGIONI, 2017b);
- Contribuir para a divulgação e compreensão da obra de João Paulo Borges Coelho, cuja recepção crítica consagrada internacionalmente se contrapõe ao quadro observado no Brasil, onde se encontra extremamente limitada;
- Discutir a relevância da abordagem teórica da World-Literature para a compreensão das chamadas Literaturas do Índico, cujas propostas estéticas e epistemológicas podem oferecer outras ferramentas críticas e analíticas para ler e (re)interpretar o imaginário nacional e cultural contemporâneo de Moçambique a partir de uma perspectiva situada e simultaneamente transnacional.

### 3 Material e Métodos

A metodologia adotada na pesquisa fundamentou-se numa análise de cariz comparativo entre os *Índicos Indícios* e os Estudos do Índico. O projeto buscou construir um diálogo crítico com as correntes teóricas da Teoria Pós-Colonial e da World-Literature, extremamente consagradas em âmbito internacional e representativas de questões igualmente atuais em contexto brasileiro. Embora os Estudos do Índico constituam um quadro teórico já consagrado em outros países, no Brasil sua cartografia crítica ainda se encontra em vias de formação. Disto decorre o fato de que boa parte da bibliografia necessária para a pesquisa se encontra disponível apenas em língua estrangeira e em bibliotecas universitárias no exterior, em grande parte em países de língua inglesa ou francesa. No que concerne à teoria da Literatura-Mundial, ainda que em constante e notório crescimento no Brasil, grande parte de suas elaborações atuais se encontram, de igual maneira, somente no exterior – especialmente na Universidade de Warwick (Reino Unido), destino da BEPE e sede do WReC (Warwick Research Collective),<sup>10</sup> grupo de estudos voltado ao tema da *World-Literature*. Nesse sentido, o período de estágio de pesquisa no exterior demonstrou-se imprescindível para a plena realização do projeto, além do intercâmbio intelectual extremamente profícuo representado pela importante interlocução com docentes e pesquisadores da área e do coletivo, cuja perspectiva sobre a World-Literature tem se destacado em âmbito crítico internacional.

### 4 Resultados

- Estágio de Pesquisa na Universidade de Warwick (UK) com o projeto "Territorializing the Indian Ocean. Questions on World Literature"(BEPE IC FAPESP 2019/07859-30), sob orientação do Prof. Dr. Paulo de Medeiros;
- Tradução da obra *Desenvolvimento Combinado e Desigual: Por uma nova teoria da Literatura-Mundial* (WREC, 2020), publicada pela Editora da Unicamp;
- Entrevista com João Paulo Borges Coelho (Zanfalice; Brugioni, no prelo);
- Participação no KALIBAN – Centro de Pesquisa em Estudos Pós-coloniais e Literatura Mundial (CNPq);<sup>11</sup>
- Redação de Monografia para conclusão do curso de Licenciatura em Letras no IEL - UNICAMP (em andamento).

<sup>10</sup> O coletivo, formado em 2007, apresenta uma agenda de pesquisa baseada no desafio de teorizar um sistema-mundo-literário que é, nas palavras de Franco Moretti, "simultaneously one, and unequal"(MORETTI, 2000, p.56), a partir de um comprometimento materialista para com as implicações culturais das teorias do desenvolvimento desigual e combinado. O coletivo é formado por especialistas de diversos campos teóricos, como por exemplo os Estudos Pós-Coloniais, no qual se inclui o professor Paulo de Medeiros.

<sup>11</sup> Cf. <<https://www2.iel.unicamp.br/kaliban/>>

## Referências

- ALPERS, E. A. *The Indian Ocean in World History*. New York: Oxford University Press, 2013.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- BORGES COELHO, J. P. *Índicos Índicios: Setentrião*. Lisboa: Caminho, 2005a.
- \_\_\_\_\_. *Índicos Índicios: Meridião*. Lisboa: Caminho, 2005b.
- BRAUDEL, F. *La mediterrane et le monde mediterraneen a l'epoque de Philippe II*. Paris: Armand Colin, 1976.
- BRUGIONI, E. Literary cartographies and humanistic criticism. The Indian Ocean as a 'critical paradigm'. *Humanidades: Novos Paradigmas do Conhecimento e da Investigação*, Nova de Famalição: Húmus Edições-CEHUM, p. 87-100, 2013.
- \_\_\_\_\_. Narrando o(s) índico(s): Reflexões em torno das geografias transnacionais do imaginário. *Revista Diacrítica*, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, v. 27, n. 3, p. 121-136, 2013b.
- \_\_\_\_\_. Narrando o índico: Contrapontos entre paradigmas críticos e representações: João Paulo Borges Coelho e MG Vassanji. *Revista lusófona de estudos culturais*, v. 2, n. 1, p. 35-53, 2014.
- \_\_\_\_\_. Writing from other margins. Difference, exception, and translation in the portuguese-speaking world: counterpoints between literary representations and critical paradigms. *Cadernos de Tradução*, SciELO Brasil, v. 37, n. 1, p. 65-89, 2017a.
- \_\_\_\_\_. "Behind so many names, the sea". Mozambique and the Indian Ocean. In: WALKER, I. I.; RAMOS, J. M.; KAARSHOLM, P. (Orgs.). *Fluid networks and hegemonic powers in the Western Indian Ocean*. Lisboa: Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), 2017b. p. 65-80.
- FRANK, A. G.; GILLS, B. K. *The World System: five hundred years or five thousand?* New York: Routledge, 1996.
- GHOSH, D.; MUECKE, S. (Orgs.). *Cultures of Trade: Indian Ocean Exchanges*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2007.
- HALL, G. M. Cruzando o atlântico: etnias africanas nas Américas. *Topoi*, v. 6, n. 10, p. 29-70, 2005.
- HOFMEYR, I. The Black Atlantic Meets the Indian Ocean: Forging new Paradigms of Transnationalism for the Global South – Literary and Cultural Perspectives. *Social Dynamics*, Taylor & Francis, v. 33, n. 2, p. 3-32, 2007.
- \_\_\_\_\_. The complicating sea: the Indian Ocean as method. *Comparative Studies of South Asia, Africa and the Middle East*, Duke University Press, v. 32, n. 3, p. 584-590, 2012.
- MBEMBE, A.; SARR, F. (Orgs.). *Écrire l'Afrique-Monde*. Dakar: Jimsaan, 2017.
- MOORTHY, S.; JAMAL, A. (Orgs.). *Indian Ocean studies: cultural, social, and political perspectives*. London: Routledge, 2010.
- MORETTI, F. Conjectures on world literature. *New left review*, p. 54-68, 2000.
- NOA, F. L'océan Indien et les routes de la transnationalité dans la poésie mozambicaine. *Études littéraires africaines*, n. 37, p. 73-87, 2014.
- PEARSON, M. N. *Port cities and intruders: The Swahili coast, India, and Portugal in the early modern era*. Baltimore: JHU Press, 2002. v. 23.
- WALLERSTEIN, I. M. *The modern world-system*. Nova York: Academic Press, 1980.
- \_\_\_\_\_. *World-systems analysis: an introduction*. Durham: Duke University Press, 2004.
- WREC. *Combined and Uneven Development: Towards a New Theory of World-Literature*. Liverpool: Liverpool University Press, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Desenvolvimento combinado e desigual: Por uma nova teoria da literatura-mundial*. Trad. Gabriela Beduschi Zanfelice. Campinas: Editora Unicamp, 2020.
- ZANFELICE, G. B.; BRUGIONI, E. O Índico, uma promessa de horizonte. Entrevista a João Paulo Borges Coelho. *Via Atlântica*, n. 37, no prelo.